

PROTAGONISMO FEMININO NA SECA DE 1877: Estratégias e resistência nos Sertões

Female protagonism in the 1877 drought: strategies and resistance in the history

Alessandra Bezerra de Medeiros⁴⁰

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar o papel das mulheres dentro da seca de 1877, investigando o cotidiano, as estratégias adotadas para sobrevivência e manutenção do lar em períodos de estiagem. Esses pontos irão possibilitar compreender como a seca impactou a vida dessas mulheres, em um âmbito social, econômico e privado. Em um sertão dito como lugar do outro, a figura feminina configura um cenário de persistência, força, coragem e resistência. Assim, o interesse em adentrar esse campo parte por meio dos poucos trabalhos que narram a participação das mulheres como agente ativo ao combate contra a seca. Portanto, essa pesquisa busca explorar a dimensão social da escassez hídrica de 1877, notabilizando a presença da figura feminina como pilar de sustentação, dando evidencia ao seu protagonismo em tempo de calamidade.

Palavras chaves: seca de 1877, mulheres, estratégias de sobrevivência, sertões.

ABSTRACT

This article aims to analyze the role of women during the 1877 drought, investigating their daily lives and the strategies acquired for survival and maintenance of the home during periods of drought. These points will make it possible to understand how the drought impacted the lives of these women, in a social, economic and private context. In a hinterland said to be a place of the other, the female figure configures a scenario of persistence, strength, courage and resistance. Thus, the interest in entering this field comes from the absence of works that narrate the participation of women as active agents in the fight against drought. Therefore, this research seeks to explore the social dimension of the water shortage of 1877, highlighting the presence of the female figure as a pillar of support, highlighting her leading role in times of calamity.

Keywords: drought of 1877, women, survival strategies, backlands.

INTRODUÇÃO

⁴⁰ Graduada em História, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Mestranda no programa de Pós Graduação em História do Ceres - PPGHC/UFRN. Grupo de pesquisa SERCOL. Currículo lattes: <https://lattes.cnpq.br/709107357781000>. E-mail da autora: alemedeiros3011@gmail.com.

A proposta desse artigo tem como foco investigar as estratégias de sobrevivência das mulheres na seca de 1877⁴¹, fazendo um estudo analítico de como o sertão resistiu ao período de estiagem e o papel feminino no enfrentamento dessa calamidade. Por meio de um olhar mais crítico, serão remodeladas as narrativas historiográficas tradicionais direcionadas as mulheres. Além disso, uma nova perspectiva é configurada, colocando-as como agentes ativas em um protagonismo silenciado, mas não apagado.

O sertão nordestino é comumente dito como lugar do outro, do não pertencente, território apartado do mar (Cunha, 1902) são diversas as imagens direcionadas sobre o território. Houve, por parte de intelectuais do século XX, um certo interesse em tentar construir uma definição para a região. É possível afirmar que o sertão ficou às margens dos olhos do Estado.

Palco de diversos acontecimentos marcante, o território geograficamente árido, ganhou notoriedade em alta escala com a seca de 1877, popularmente conhecida como “A grande seca” em alusão aos estragos sociais, econômicos e políticos que causou. A escassez hídrica foi tão extrema que chegou ao número de 500 mil mortos. Com estatísticas tão altas, medidas foram tomadas pelo governo em uma tentativa de combate a realidade alarmante, assim sendo criada a IOCS⁴².

A IOCS foi o principal órgão criado pelo governo como forma de tentar combater a seca de 1877, dentro do cenário de calamidade que a região nordeste se encontrava, com números alarmantes de mortes, era necessário um centro estratégico para combate. Assim, a Inspetoria contra as secas foi criada em 1909 e dentro do projeto os engenheiros eram figuras centrais, eles eram os responsáveis junto com o governo por pensar soluções para o enfretamento da estiagem que assolava a região.

⁴¹ A seca de 1877 foi uma das mais terríveis no Brasil levando ao número de 500 mil mortos.

⁴² Inspetoria de Obras Contra as Secas – Criada pelo Governo Federal, em 1909.

Dentro desse cenário a mulher também teve papel atuante, mesmo preservando o estigma “cuidadora do lar”, “auxiliar de cônjuge”, a figura feminina cria suas próprias estratégias de sobrevivência no período de estiagem. Seu papel torna-se ainda mais importante em situações de seca, cabendo a ela, muitas vezes, assegurar a sua sobrevivência e a dos filhos, ao mesmo tempo que contribui para a preservação da pequena unidade produtiva (Ramalho, 1996).

É importante pontuar, que no século XIX as mulheres eram muito limitadas ao ambiente domésticos. Criadas e ensinadas a serem boas esposas, mães e donas de casa dignas, estas não tinham direito ao estudo (Priore 2014). Entretanto, mesmo que esse padrão fosse predominante, nos interiores rurais, as mulheres iam muito além de apenas donas de casa, a maioria delas também eram produtoras rurais. Trabalhar além dos lares, possibilitava ajudar com a renda familiar e aliviar a sobrecarga do cônjuge.

Ademais, as adversidades enfrentadas na seca de 1877 viabilizou a resiliência das mulheres, que, em meio ao cenário caótico construíram caminhos para sobrevivência. A sobrecarga direcionada a estas personagens femininas só aumentava, sendo elas obrigadas a realizar trabalhos além dos domésticos. Na escassez em que estavam inseridas, buscavam em regiões distantes, açudes, rios, poços, na esperança de encontrar um pouco de água. Essa tarefa ficava a cargo da mulher, por serem responsáveis pelo bem estar doméstico, enquanto o cônjuge partia em busca de trabalho ou alimentos, muitas vezes precisando migrar para outros territórios, na esperança de atenuar a necessidade extrema em que se encontravam.

Dessa forma, é possível examinar como as mulheres tiveram um papel fundamental ao combate contra às secas. Mesmo com seu desempenho atuante, foram invisibilizadas, reafirmando a historiografia tradicional que limita o sertão como um lugar masculino. Então, o intuito deste artigo é esculpir novas



interpretações sobre essa problemática, colocando essas personagens como protagonistas.

Analizar a seca de 1877 por meio da participação feminina é um caminho para expandir os estudos sobre gênero dentro da historiografia na região Nordeste, que ainda carrega exclusão muito forte sobre o ser feminino. É notável dentro da cultura sertaneja um lento processo de emancipação das mulheres, já que a região conta com um forte patriarcalismo o qual secundariza e inferioriza a mulher e seus direitos. Assim, a circunstância de dificuldade social foi um catalisador para o início de um maior engajamento das mulheres sertanejas em lutas sociais. Então estudar as duas extremidades é abrir espaço para novas perspectivas e leituras sobre o flagelo de 1877 e também sobre as lutas de gênero.

Portanto, será traçado a estratégia de alinhar essa pesquisa examinando o sertão e a seca de 1877, em uma tentativa de pontuar os principais fatores dessas duas dimensões históricas. Segundo, será feito um exame sobre as mulheres e sua atuação no período de estiagem, trabalhando no impulso de formular perspectivas mais lúcidas em relação ao papel destas ao combate à mazela social daquele período. O método utilizado será o analítico social, que visa sinalizar a história dos movimentos sociais (Cardoso, 2002).

O SERTÃO E A SECA DE 1877

O sertão ganhou notoriedade no século XX, recebendo destaque entre intelectuais que elaboraram diversas definições na tentativa de desmistificar o território. Um nome importante nesse contexto é Euclides da Cunha, que, encarregado de relatar a Guerra de Canudos, decidiu também desenvolver um estudo sobre o sertão nordestino e seus habitantes. Ele descreveu o sertão como “um vale fértil, um pomar vastíssimo sem dono” (Cunha, 1902).

Esse tipo de interpretação sobre a região não se limita à visão do referido autor, sendo uma percepção que permeia a sociedade da época. O sertão era constantemente mal visto, como um espaço abandonado, de disputas e calamidades. Assim, um imaginário pejorativo foi ganhando força e disseminando preconceitos sobre o território e seu povo. O sertanejo foi descrito como “o forte” (Cunha, 1902), sendo o único capaz de sobreviver em um lugar tão precário e perigoso quanto o árido sertão nordestino.

Mesmo com essa visão que enaltece a resistência do sertanejo, ele ainda era associado a uma figura exótica, arcaica e sem inteligência (Martins, 1997). Esse tipo de descrição posicionava o sertão como um território atrasado, disseminando preconceitos sobre um povo que, na verdade, enfrentou a aridez e a escassez do sertão com perseverança, na esperança de dias melhores.

Dentro da construção dessa identidade sertaneja, a mulher era descrita como cuidadora, como “mãezinha” (Priore, 2014). Com essa denominação, o ser feminino limitava muito a soberania do homem, sendo “determinadas” a encontrar a proteção no patamar de esposa e mãe. As que fossem contra esse padrão eram mal vistas dentro da sociedade e definidas como sem prestígio. Ser mulher era uma tarefa tediosa e secundária para as diretrizes sociais da época. Porém, a seca de 1877 e a aridez dos sertões desloca um pouco dessas definições.

Outrossim, a obra “O Sertão: um “outro” geográfico” apresenta diversos conceitos sobre a região, mostrando que para além das descrições “místicas” o sertão é uma região geográfica como qualquer outra, e apresenta suas próprias singularidades sem as grandes estranhezas que são direcionadas. De acordo com a obra:

Enfim, o sertão é uma figura do imaginário da conquista territorial, um conceito que ao classificar uma localização opera uma apropriação simbólica do lugar, densa de juízos valorativos que apontam para sua transformação. Nesse sentido, a designação acompanha-se sempre de um projeto (povoador, civilizador, modernizador), o qual almeja – no limite – a superação da condição sertaneja. (Moraes, 2003)

Entender o Sertão, é fundamental para poder analisar a seca de 1877, Sertão e Seca são dois termos que andam entrelaçados, um complementa o outro. Assim, as secas delimitaram o Sertão, fronteira da civilização. Mais do que isso, as secas conformaram limites, se constituindo num dado fundamental para definir o que hoje se conhece como a Região Nordeste. (Nobre, 2012).

O alarme da seca de 1877 colocou o sertão sob os olhos do Estado. A região passou a ser analisada, e tornou-se necessário encontrar soluções imediatas para resolver o problema da estiagem. No entanto, é importante destacar que essa preocupação só ganhou força no século XX, no auge da calamidade. Até então, as autoridades acreditava ser uma estratégia de enfraquecer o poder público, assim não direcionando ajuda para a região. (Ferreira; Dantas; Simonini, 2018).

Dessa forma, a seca, vista apenas como um problema a ser solucionado no século XX, levou à morte de muitos sertanejos devido à negligência das autoridades públicas. Fome, sede e doenças foram as principais causas de morte, mas o verdadeiro responsável foi a indiferença à região, que clamava por ajuda havia muito tempo.

A seca além de dizimar a população, também foi responsável por degradar a vegetação dos sertões. A grande escassez fez com que a fauna e flora da região acabasse sendo prejudicada, ocasionando estragos ambientais incontestáveis. Dessa forma, era necessário encontrar soluções sociais e ambientais para assolar os estragos.

Um ponto importante a ser mencionado é o papel dos engenheiros, indispensável no projeto de combate às secas. Eles tinham a tarefa de encontrar soluções para os problemas de estiagem. As missões de pesquisa, levantamento, mapeamento e catalogação ganharam força, principalmente a partir da criação da Inspetoria de Obras Contra as Secas (IOCS), pelo governo federal, em 1909 (Ferreira, Dantas, Simonini, 2018).



Assim, no século XX, estratégias começaram a ser elaboradas para minimizar os estragos da seca. Era assustador o número de flagelados, retirantes, mendigos e doentes presente dentro das cidades. A imprensa foi um meio importante para divulgar o quadro de flagelo, pressionando as autoridades. A solução do problema tornou-se cada vez mais urgente, principalmente porque o Brasil estava em um período de modernização, e uma seca não era bem vista aos olhos do progresso almejado.

A imprensa divulgava constantemente o quadro caótico que as cidades se encontravam, com o número alarmante de pessoas migrando em busca de emprego e alimentos. O apoio do governo para esses flagelados era insuficiente, sem emprego e com a condição de vida muito precária, essas pessoas acabavam morrendo em massa. Assim fazendo com que a tão almejada modernização do Brasil fosse atrasada.

Dentro desse cenário, as mulheres são peças essenciais. Responsáveis pelo bem estar familiar, estas buscavam a todo custo encontrar estratégias de sobrevivência. Então, agora será apontado um tópico analítico direcionado a analisar o papel feminino no combate à seca de 1877, analisando as principais funções conduzidas a essas figuras.

ENTRE A SECA E RESISTÊNCIA: A ATUAÇÃO DAS MULHERES NO SERTÃO EM 1877

Como já discutido, a seca de 1877 foi uma das mais severas já registrada no sertão nordestino brasileiro. Nesse contexto de adversidade as mulheres desempenharam estratégias variadas e criativas no combate à escassez. Como meio de garantir o bem estar familiar e da comunidade, elas aprenderam a reutilizar a pouca água disponível em diversas atividades, como também utilizaram a migração como meio de tentar sobreviver, e por fim se apegavam à

devoção religiosa, organizando novenas, procissões, fazendo altares, na esperança da intervenção divina.

Mesmo com as estratégias e dinamismo desenvolvidos pelas mulheres na calamidade da seca de 1877, elas eram as vítimas mais veneráveis dentro do contexto. Criadas para serem a “sombra” do homem e boas mães, estas se encontravam com missões sobrecarregadas de serem fortes e bondosas em panorama devastador. De acordo com Walter, 2003:

Uma parte da vulnerabilidade feminina é resultado de uma construção social, envolvendo obstáculos à plena participação das mulheres na sociedade. A maior exposição das mulheres e crianças aos riscos se explica principalmente pela sua maior pobreza [...]. Este último ponto é também explicado pelo fato de que muitas vezes elas têm menos acesso facilitado aos recursos disponibilizados em situações de emergência e reconstrução. Além disso, seu papel no interior da família limita severamente sua mobilidade. Se uma mulher deve cuidar da sua família (pais ou filhos) dificilmente ela pode migrar para prevenir um desastre (a seca, por exemplo).

Essa questão levantada pelo autor, possibilita refletir sobre como funcionava o processo das mulheres dentro da seca de 1877, mesmo com a comprovação da sagacidade feminina para dribla os estragos da aridez, as limitações sociais eram enraizadas, limitando-as em diversos setores. As mulheres com filhos de colo dificilmente conseguiam migrar, assim sendo deixadas para trás enquanto os maridos iam sozinhos em busca de melhoria de vida. Assim surgindo as “viúvas da seca”.

As viúvas da seca ficavam dispostas da própria sorte, sofriam com as dificuldades de encontrarem água, alimentos, além da solidão de viverem sozinhas e responsáveis pela casa e pelos filhos. A migração muitas vezes não trazia o companheiro de volta, deixando essas mulheres em situação vulneráveis.

A água representa, no sertão, o principal elemento de sobrevivência: com ela é possível saciar a sede, manter a plantação, produzir alimentos, nutrir o gado, fazer a higiene pessoal e doméstica. Ou seja, sem água é impossível viver. Dentro

desse contexto, as mulheres eram responsáveis por conseguirem encontrar e administrar a escassa água de forma inteligente. Segundo D'Ávila Neto e Jardim (2015, p.162):

“Podemos observar que as técnicas corporais identificadas são cíclicas e entrelaçadas: depois de “botar” (1) e “tratar” (2) a água, as mulheres devem “cozinhar” (3) para alimentar toda a família; elas limpam e organizam tudo, então elas (re)começam a (4) “lavar as louças”, que pode ser concomitante com o “arrumar a casa” (5). Frequentemente, essas mulheres não têm torneira em casa, então elas utilizam duas bacias plásticas; em uma elas ensaboam, na outra elas enxágum. Isso possibilita economizar água, “reutilizar águas servidas” (6). O armazenamento de água também serve à “higiene pessoal” (7). Associada ao ato de lavar está “a lavagem de roupas” (8), reduzindo o tempo gasto buscando água, em longas caminhadas, procurando por uma fonte. Em vez de jogá-la fora, elas a reutilizam “regando a plantação” (9) Ou “desedentando animais” (10).”

Além de desenvolver maneiras de reutilizar a água, as mulheres também precisavam se deslocar para encontrá-la, buscando poços, açudes e rios. Muitas vezes, essas caminhadas eram cansativas e exigiam várias idas e vindas, já que o único auxílio disponível era um burro ou jumento de carga. No entanto, nem todas as famílias possuíam um animal, e, nesses casos, as mulheres carregavam baldes, o que tornava a tarefa ainda mais extenuante.

Esse deslocamento em busca de água também levava, em muitos casos, à migração definitiva, quando as fontes locais secavam, aumentando a escassez. A única saída era migrar para outras regiões, na esperança de sobreviver. Ao contrário do que se poderia pensar, as mulheres tiveram uma participação ativa na mitigação da seca, no processo migratório e na luta pela moradia, sendo, em muitos casos, o centro da família, mesmo na presença de seus companheiros (Ramalho, 1996).

Nesse processo de migração, as mulheres eram muitas vezes as incentivadoras. Cansadas da vida dura no sertão, buscavam caminhos mais prósperos e iam para outras regiões, na esperança de proporcionar uma vida melhor às suas famílias. Além disso, o deslocamento para os centros urbanos

oferecia a possibilidade de encontrar emprego e, assim, contribuir para as despesas. Portanto, a migração era uma das estratégias mais utilizadas pelos sertanejos no período da seca.

Então, é possível identificar as movimentações ativas dessas mulheres inseridas na realidade da seca. O principal ponto visível é a força e a persistência: elas não desistiam de lutar, criavam suas próprias estratégias para prover as necessidades da família, aprendendo a lidar com a água de inúmeras maneiras, na esperança de fazê-la render. Assim, a sobrevivência das populações sertanejas dependeu de uma extraordinária capacidade de adaptação ao meio, onde as mulheres desempenharam um papel central na gestão dos escassos recursos (Tavares, 2002).

Posto isso, é importante destacar que, na sociedade sertaneja, era comum as mulheres assumirem o papel central na família, mesmo na presença de um cônjuge. Isso ocorria porque elas assumiam a responsabilidade de provedoras, sendo responsáveis pela administração conjugal, cuidando da casa, dos filhos e do manejo da água. Em alguns casos, atuavam como pequenas produtoras rurais, o que as tornava chefes de família. No entanto, mesmo nesse papel de pilar central, a mulher não possuía a autonomia usufruída pelos homens, e a última palavra sempre era deles, reafirmando os silenciamentos impostos à figura feminina.

Outrossim, no lamento social ao qual o sertanejo estava inserido, com a terra seca, o sol escaldante, a morte permeando em todos os lados. Uma saída para tentar sobreviver era criando laços dentro da comunidade. Formou-se uma rede de solidariedade que se mostrou crucial para a sobrevivência coletiva durante a seca, especialmente na partilha de alimentos e no cuidado das crianças (Ribeiro, 1995).

Diante das incertezas e da escassez, o apoio emocional entre as mulheres sertanejas tornou-se fundamental para a resiliência coletiva. Elas criaram redes

de solidariedade, onde compartilharam suas angústias, seus lutos e suas esperanças. Esse anúncio revela que, além do protagonismo como agentes de estratégias de sobrevivência, as mulheres também foram guardiãs do suporte emocional.

Essa união entre os sertanejos também impulsionava o crescimento da devoção religiosa, na qual clamavam pela intervenção dos santos para aliviar o sertão seco. Dentro dessa corrente de fé, as mulheres eram as principais protagonistas, sendo responsáveis pela organização de novenas, terços e ornamentação de altares, tudo na esperança de que Deus ouvisse suas preces e socorresse aquele povo tão sofrido.

A fé nordestina, com suas peculiaridades, representa a força da mulher sertaneja, que nunca deixava de dedicar horas de seu dia às funções religiosas, disseminando em um sertão seco a esperança de serem vistas e ouvidas pelo Criador. A fé está presente nas imagens de santos colocadas nas paredes de barro das humildes casas, nos votos e nas fitas amarradas nos santinhos, nos terços simples e nas capelas, onde o único elemento luxuoso é a devoção.

Dessa forma, é possível afirmar o protagonismo feminino durante a seca de 1877. As mulheres exerceram funções primordiais para a criação de estratégias que elevaram os meios de sobrevivência, seja aprendendo a lidar com a água, participando dos processos de migração ou disseminando a devoção religiosa dentro da comunidade. Esses meios permitiram enfrentar a escassez de 1877 com extrema resiliência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analizar a seca e as mulheres é poder desconstruir historiografias que olham para os dois elementos com visões estereotipadas. O objetivo deste trabalho é dar visibilidade à figura feminina como peça combatente da seca, revelando a força e a resiliência dessas sertanejas. Em um ambiente marcado pela



escassez e pela dureza das condições de vida, as mulheres emergiram como pilares de resistência, assumindo responsabilidades cruciais para a sobrevivência de suas famílias e comunidades.

As histórias de luta e sobrevivência, muitas vezes invisibilizadas, merecem ser reconhecidas e valorizadas como parte essencial da narrativa histórica do sertão. Ao resgatar essas vivências, reforça-se a importância do protagonismo feminino na construção da história e da cultura nordestina, ressaltando que, mesmo diante das maiores adversidades, as mulheres sertanejas sempre encontraram formas de resistir e de manter viva a esperança no sertão.

Assim sendo, é possível romper os estigmas sobre o sertão, região palco da seca de 1877 e diversas outras, dito como espaço do não pertencente. Diferente do que muitas historiografias pregam, o sertão é muito mais que apenas uma região árida e violenta, ele é primeiramente lugar do sertanejo e sertaneja fortes, resistentes e de fé inabalável. Região como qualquer outra, que conta com suas adversidades particulares, não sendo inferior ou superior a nenhuma outra em comparação. Portanto, é importante dar voz e espaço para a resiliência das mulheres sertanejas.

REFERÊNCIAS:

ANDRADE, Juciene Batista F. **Os sertões em debate: fronteiras, secas e instituições**. Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História, 69., 2020

CARDOSO, Ciro Flamarión; BRIGNOLI, Héctor Pérez. **Os Métodos da História**. Rio de Janeiro. Edição Graal. 2002.

CUNHA, Euclides. **Os sertões**. Ed. Especial, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

D'ÁVILA NETO, Maria Inácia; JARDIM, Gabriel de Sena. **A fonte que nunca seca: o trabalho cotidiano de mulheres com a água no Semiárido**. Pesquisas e Práticas Psicossociais 10(1), São João del-Rei, janeiro/junho 2015.



DANTAS, George A. F.; FERREIRA, Angela Lúcia; FARIA, Hélio T. M. A delimitação das secas como problema técnico. In: FERREIRA, Angela Lúcia; DANTAS, George Alexandre Ferreira; SIMONINI, Yuri. (Org.). **Contra as Secas: Técnica, Natureza e Território**. Rio de Janeiro: Letra Capital: INCT/Observatório das Metrópoles, 2018, p. 90-110.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias e conversas de mulher**. São Paulo. Planeta. 2014.

FERREIRA, Angela Lúcia; DANTAS, George A. F.; SIMONINI, Yuri. Introdução: dos caminhos e das pesquisas sobre a técnica, a natureza e o território. In: _____ (Org.). **Contra as Secas: Técnica, Natureza e Território**. Rio de Janeiro: Letra Capital: INCT/Observatório das Metrópoles, 2018, p. 19-30.

LOPES, Maria Eduarda Negrão de Miranda; KARAM, Henriete. **Anais do X Cidil as fronteiras em direito e literatura: narrativas insurgentes e inquietações contemporâneas**. 2022.

MATOS, Marcos Paulo Santa Rosa. **Famílias desagregadas sobre a Terra Ressequida: Indústria da Seca e Deslocamentos Familiares no Nordeste do Brasil**. Disponível em http://dx.doi.org/10.5209/rev_NOMA.2012.41773.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano**. 1997.

Moraes, Antonio Carlos Robert. **O Sertão: Um ‘Outro’ Geográfico**. Terra Brasilis, Rio de Janeiro/RJ, ano 3-4, n. 4-5, p.11-23, 2003.

RAMALHO, Deolinda de Souza. **Seca, migração e moradia: onde fica a mulher? Invisível?** Revista Raízes, Campina Grande, Ano XV, n.º12. setembro de 1996.

Rebouças, André. **A Seca nas províncias do Norte**. Tipografia de G. Rio de Janeiro: Louzinger & Filhos, 1877.

Walter, S. (2003). *Genre, gouvernance & environnement: une revue de la littérature*. Working Paper n. 1, Geneve: Ed. Dialogue.